

Ailton Gomes da Silva Júnior
Bruno Veloso de Farias Ribeiro
Iran Ferreira de Melo
José Amaro da Costa
Richard Fernandes de Oliveira

DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

1ª Edição
Recife, 2022



CORPO EDITORIAL

Ailton Gomes da Silva Júnior
Bruno Veloso de Farias Ribeiro
Iran Ferreira de Melo
José Amaro da Costa
Richard Fernandes de Oliveira

REVISÃO

Iran Ferreira de Melo



PROJETO EDITORIAL:

Gabriel Santana
Rebeka Vivyan

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Carlos Alberto Ferreira
Fábio Antônio Menezes
Jader Matias de Oliveira

COORDENAÇÃO:

Felipe Brito de Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

Dissidências de gênero e sexualidade

[livro eletrônico] / Richard Fernandes de
Oliveira...[et al.]. -- 1. ed. -- Recife, PE :
Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022.
PDF.

Outros autores: Bruno Veloso de Farias Ribeiro,
Iran Ferreira de Melo, José Amaro da Costa, Richard
Fernandes de Oliveira.

Bibliografia.
ISBN 978-65-86547-81-8

1. Cidadania 2. Diversidade sexual 3. Educação
4. Gênero e sexualidade 5. Identidade de gênero
6. LGBTI+ - Siglas - Direitos I. Oliveira, Richard
Fernandes de. II. Ribeiro, Bruno Veloso de Farias.
III. Melo, Iran Ferreira de. IV. Costa, José Amaro
da. V. Oliveira, Richard Fernandes de.

22-138035

CDD-306.43

SUMÁRIO

8 **Apresentação**
Raylton Carlos de Lima Tavares

12 **Capítulo 1:**
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A MULHERIDADE REPRODUZIDAS
PELO DISCURSO PEDAGÓGICO HEGEMÔNICO NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA
Ana Lorena dos Santos Santana

24 **Capítulo 2:**
QUEERIZANDO O PASSADO: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE A ESCRITA DA
HISTÓRIA E A TEORIA QUEER
Anne Raquel da Silva Nascimento

38 **Capítulo 3:**
PERFORMATIVIDADE LINGUÍSTICA EM NOMES POPULARES
SEXUALIDADES
Bruno Pacheco de Souza

52 **Capítulo 4:**
UM OUTRO LADO DO ESPELHO: DISTÚRBIOS ALIMENTARES DE
EMAGRECIMENTO NA POPULAÇÃO DE TRANSMASCULINOS
Iara Luzia Henrique Pessoa

66 **Capítulo 5:**
DANDARA – AÇÕES DE CIDADANIA EM GÊNERO E SEXUALIDADE
Iran Ferreira de Melo

80 **Capítulo 6:**
QUEER SEM MEDO NA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA
José Amaro da Costa

96 **Capítulo 7:**
A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA EM ALGUMAS BREVES REFLEXÕES
Richard Fernandes

108 **Capítulo 8:**
CORPOS NA EDUCAÇÃO: AS PESSOAS NÃO-BINÁRIAS NO AMBIENTE
ESCOLAR
Rivaldo Mendes da Silva

120 **Capítulo 9:**
ENTRE PERNAS, LEITO DE VIÚVAS E PEDRAS JOGADAS: A TRANSGRESSÃO
FEMININA EM ANA DE AMSTERDAM, BÁRBARA E GENI DE CHICO
BUARQUE
Roberta Moura Cavalcanti

132 **Capítulo 10:**
UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DA QUEERIFICAÇÃO DE CELIE EM THE
COLOR PURPLE
Wesley Sousa Rodrigues

DANDARA - AÇÕES DE CIDADANIA EM GÊNERO E SEXUALIDADE

Iran Ferreira de Melo¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Este capítulo visa a expor um pouco o que foi o projeto de extensão Dandara – Ações de Cidadania em Gênero e Sexualidade, executado por mim, em 2018, e apoiado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ele teve como objetivo desenvolver intervenções sociais que refletissem sobre a recrudescente violência motivada pelo ódio à diferença de gênero e sexualidade em nosso país e problematisassem o papel de vários setores sociais na intolerância histórica aos modelos de gênero e sexualidade não normativos.

Para tanto, tal projeto foi dirigido a diferentes grupos populacionais que, em doze distintas ações (sarau, bazar solidário, mostra de cinema, seminário, entre outras) foram convidados a participar, interrogando se o seu cotidiano reproduz práticas violentas que violam o direito à liberdade de gênero e sexualidade, a fim de propor medidas preventivas e combativas a essas práticas. Com tais ações, o Dandara está consonante com os emergentes saberes queer e descoloniais – em especial com os estudos desenvolvidos pela pesquisadora Guacira Lopes Louro (2015a, 2015b).

Nesse sentido, o projeto aspirou a contribuir para que, na relação teoria-prática e da rede universidade-sociedade, fortalecessem-se saídas no combate às agruras contra pessoas que não se enquadram em padrões disciplinares de gênero e sexualidade, respeitando o que preconiza a área temática de Direitos Humanos da Política Nacional de Extensão Universitária e o Programa Nacional de Direitos Humanos de nosso país. Dandara dos Santos foi uma travesti que teve sua morte por arma de fogo filmada e difundida na internet. Por isso, esse projeto recebeu seu nome como forma de homenageá-la e mostrar toda a vulnerabilidade e horror do humano. Aqui, buscamos falar um pouco da experiência dessa extensão, com vistas a promover, por meio dessas narrativas, ações ainda mais potentes que esta.

¹ Doutor em Linguística (USP), professor de Linguística e Língua Portuguesa em Letras e de Teorias do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRPE), professor de Análise Crítica do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPE), coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais – NuQueer –, diretor da Comissão de Diversidade, Inclusão e Igualdade da Associação Brasileira de Linguística, coordenador do projeto de pesquisa “Deixa a minha língua lambar o que ela quiser: disruptões queer de gênero no português brasileiro”. E-mail: iranmelo@hotmail.com.

O projeto Dandara exerceu uma dupla função:

- aconteceu como reflexão pública para pensarmos em questões do nosso tempo, notadamente na diferença entre muitas performances de gênero e sexualidade e a reação proibitiva e violenta a essa diferença, o que promove, naturalmente, uma arena de posições políticas rica para encontrar soluções a isso (assim, cumpre função cidadã e política);

- mas também ocorreu num horizonte pedagógico, ao passo que as ações foram formuladas para dialogarem fortemente com novas epistemologias sobre gênero, sexualidade e educação (LOURO, 2015a, 2015b; MISKOLCI, 2015), provenientes da interface entre movimento social e ciência, isto é, as ações não se isentaram de apontar e sistematizar conhecimentos já formulados para a população-alvo acessá-los (com isso, o projeto cumpre ainda uma função formativa).

Nessa diádica realização, o Dandara contou com a trajetória acadêmica e pedagógica de seu coordenador, que, há dezesseis anos, vivencia práticas didáticas e de pesquisa na seara dos estudos sobre identidades subalternas por razões de gênero e sexualidade (MELO, 2010a, 2010b; MELO & ANDRADE, 2015), buscando sempre chaves educacionais para banir as práticas de exclusão dessas identidades, sobretudo no trabalho de formação de profissionais da educação. Esta experiência potencializa o cumprimento da urgente indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, garantida no Dandara, pela respectiva interseção entre o papel formativo supracitado, a fundamentação científica que ampara toda abordagem do projeto e o diálogo da experiência acadêmica com a práxis pedagógica.

Essa relação dialética entre os três pilares da vida acadêmica vivenciada no Dandara impacta na formação de estudantes que integraram a equipe do projeto, uma vez que produziu novos paradigmas de compreensão sobre a produção de conhecimento, apontando que a constitutiva integração entre teoria e prática compõe o melhor modelo de aprendizado para a vida social contemporânea. Além disso, não é possível desconsiderar o papel sine qua non interdisciplinar desse projeto, instaurado entre os campos da Educação (currículo, ensino-aprendizagem, preconizados, por exemplo, pelos estudos de Silva, 2015) e os muitos estudos sobre gênero e sexualidade (feminismo, perspectivas gays e lésbicas, teoria queer, a exemplo de Torres, 2010, e Miskolci, 2015).

Tomando como objetivos explícitos, podemos dizer que o objetivo geral do projeto foi propiciar ações que auxiliassem a reflexão sobre a crescente violência motivada pelo ódio à diferença de gênero e sexualidade em nosso país, interrogando a função de diferentes setores sociais na reprodução de mecanismos de controle sobre corpos que vivenciam performances de gênero e sexualidade não normativas e propondo que esses setores combatam tais agruras. E como objetivos específicos:

- contribuir para a transformação social da comunidade alvo na medida em

que promove práticas de empoderamento e conscientização sobre a violência por motivo de gênero e sexualidade;

- apoiar projetos e ações já implementados para o combate à intolerância às diferentes expressões de gênero e sexualidade;

- aproximar o diálogo entre os conhecimentos mais recentes sobre gênero e sexualidade empreendidos nas ciências humanas e nos ativismos queer e descoloniais e o trabalho desenvolvido por diferentes coletivos, potencializando, dessa maneira, a interseção entre o domínio científico e a ação social; a teoria e a prática;

- a partir da reflexão dos laços profundos entre a emancipação e a normatização social, entre as instituições e os interesses biopolíticos, entre o sistema educacional e a imposição de modelos de como ser homem ou mulher, masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual, propor encaminhamentos para diferentes sujeitos desenvolverem trabalhos que tratem a diferença humana de forma não normalizadora ou compulsória, um trabalho fincado não em modelos que o precedem, mas antes um aprendizado ativo e autônomo como exercício de cidadania.

Para elucidar melhor como se deu o Dandara, a seguir apontarei dados detalhados da proposta.

QUAL A RAZÃO DE EXISTIR O DANDARA?

A construção das diversas sociedades, em muitos momentos da história, esteve pautada nas relações de poder que se edificaram de várias formas. Dentre os diferentes mecanismos de controle e normatização das populações, os dispositivos de biopolítica que disciplinam e controlam corpos e desejos sempre estiveram à frente, causando sofrimento e morte a quem ousa expressar-se de maneira adversa aos seus preceitos (MISKOLCI, 2015). Com a crescente guinada política nessa direção que nosso país tem vivido, tanto no âmbito sociopolítico macro, quanto na formação micropolítica, diversos setores sociais vêm, cada vez mais, ocupando espaço na ratificação das relações de poder heteronormativo, que desconhece as múltiplas facetas da expressão humana e impõe padrões binários sobre as pessoas.

É possível visualizar esse movimento fomentador presentemente no surgimento de programas para a erradicação das discussões sobre gênero no âmbito escolar, a exemplo dos últimos planos de ensino reformados pelos municípios e estados de todo o país, e na operacionalização do silenciamento de posturas político-ideológicas em instituições públicas, realizado, dentre outras formas, pelo o tour de force do projeto Escola sem Partido. Esses e outros casos de trajetos conservadores nas políticas de distintas ordens no Brasil exigem um novo olhar para diferentes grupos sociais que defendem a ilusão de neutralidade quanto à construção ideológica de uma hegemonia identitária e devem ser questionados e vinculados a interesses contrários à educação emancipadora